

Reflexões de interações sociais através das mídias digitais em tempos líquidos**Reflections of social interactions through digital media in times liquids**

DOI:10.34117/bjdv6n12-710

Recebimento dos originais:29/11/2020

Aceitação para publicação:29/12/2020

Thais Paula Fernandes Ferreira

Formação: Especialista / Mestranda

Instituição: Universidade da Amazônia - Unama

Endereço: Travessa Cônego Leitão, 2543, Centro - Castanhal - PA

E-mail: thaisfernandesgp@gmail.com

AnaLaura Corradi

Formação: Doutora

Instituição: Universidade da Amazônia - Unama

Endereço: Av. Alcindo Cacela, 287 - Umarizal, Belém - PA, 66060-000

E-mail: corradi7@gmail.com

RESUMO

A presente pesquisa tem por escopo sugerir reflexões acerca das novas interações sociais através das mídias digitais na perspectiva da modernidade líquida caracterizada pela fluidez das relações humanas e as representações simbólicas das concepções de real e virtual com o objetivo de identificar como as mídias digitais inauguram a construção de novas interações humanas em tempos de liquidez. Diante disso, a inquietação reside na problematização de se pensar de que maneira são construídas essas interações e sua ingerência nos ambientes ditos reais e virtuais. Os dados coletados a partir da pesquisa qualitativa demonstram que os sujeitos líquidos interagindo através das mídias digitais não modificaram apenas as formas de relacionamento entre si, mas alteraram a maneira de se comunicar e interagir com os próprios meios de comunicação, desmistificando a noção de oposição entre virtual e real.

Palavras-chave: Comunicação, Mídias Digitais, Pós-modernidade, Representações.

ABSTRACT

The scope of this research is to suggest reflections about the new social interactions through digital media from the perspective of liquid modernity characterized by the fluidity of human relations and the symbolic representations of the conceptions of real and virtual with the aim of identifying how digital media inaugurate the construction of new human interactions in times of liquidity. In view of this, the concern lies in the problematization of thinking about how these interactions are constructed and their interference in so-called real and virtual environments. The data collected from qualitative research shows that liquid subjects interacting through digital media have not only modified the ways of relating to each other, but have also changed the way they communicate and interact with their own media, demystifying the notion of opposition between virtual and real.

Keywords: Communication, Digital Media, Postmodernity, Representations.

1 INTRODUÇÃO

O interesse pelas interações sociais não é recente e tampouco é exclusivo das novas tecnologias digitais. A construção cronológica da sociedade apresenta em seus diferentes momentos, peculiaridades quanto a maneira pela qual se constitui as interações dos seus membros, a forma de comunicação do tempo passado à modernidade líquida sugere alterações significativas, não na interação em si, mas na forma como essas interações ocorrem e os efeitos que geram no mundo (MUSSE; VARGAS; NICOLAU, 2017).

É fulcral ressaltar que as interações sociais sempre ocorreram e que elas não são frutos das mídias digitais. Porém, é fundamental compreender que com o advento das mídias digitais as interações sociais se potencializaram exponencialmente. O imediatismo e a comunicação em rede permitem que esta troca de informações seja feita com um número maior de pessoas e com caráter emergencial, acolhendo a uma indigência da modernidade líquida, na qual, as interações humanas ocorrem em tempo recorde e com grande abrangência.

Bauman (2007) considera a liquidez do mundo moderno exprime uma nova realidade: a interação social através das mídias digitais, a partir de dispositivos móveis como celulares e tablets, e demais aparatos tecnológicos. Esses fenômenos geram percepções acerca dos universos reais e virtuais, muitas vezes tratados como conceitos opostos, na qual o virtual é comumente compreendido como ausente de existência e o real dotado de realidade.

Nesse sentido, a pesquisa visa um diálogo acerca da modernidade líquida, o papel das mídias digitais e a discussão sobre as noções dos espaços ditos real e virtual, tendo como objetivo identificar como as mídias digitais inauguram a construção de novas interações sociais em tempos de liquidez. Para nortear a presente investigação, tomou-se por base a seguinte problemática: de que maneira são construídas as novas interações sociais na era líquida e sua ingerência nos ambientes real e virtual?

Em vista de respondê-la, contextualizou-se, primeiramente, uma revisão sobre o mundo líquido conceituado por Bauman (2001) e Bauman (2006) e as mídias digitais, entendendo como as peculiaridades do mundo líquido se constroem e desconstroem através das mídias digitais. Em seguida, analisaram-se as representações dos espaços virtuais e reais no ciberespaço com fito em aferir as possíveis dissonâncias existentes entre ambos.

Por fim, optou-se por traçar uma abordagem crítica trazendo reflexões acerca das construções das novas interações sociais dos sujeitos líquidos, apresentando discussões sobre os possíveis efeitos das mídias digitais no processo de socialização em tempos de modernidade líquida e a conseqüente ingerência dessas abordagens nas noções de espaços reais e virtuais.

Metodologicamente, a pesquisa foi sistematizada por meio de pesquisa qualitativa mediante procedimento bibliográfico a fim de discorrer uma abordagem descritiva e crítica. Teceram-se considerações finais tomando por base as contribuições de Bauman (2001) através dos estudos sobre modernidade líquida e a difusão das mídias sociais que acarretaram diversos desafios para as novas formas de comunicação e socialização, além de da quebra do paradigma das noções de real e virtual.

2 O MUNDO LÍQUIDO E AS MÍDIAS DIGITAIS

A mundo líquido, inaugura um momento da sociedade qualificado por grandes alterações de natureza histórica, social, política, econômica e de comportamento humano, sendo caracterizada pela fluidez de acontecimentos e impacto da globalização no mundo, dessa forma não há maneira permanente de se viver e interagir socialmente, pois a vida se reinicia constantemente e tudo aquilo que parecia concreto, se desfaz em questões de segundos, não restando dúvidas que a velocidade de informações, estruturas institucionais e políticas sofrem dia após dia rupturas impensadas anteriormente.

Nesse sentido, Bauman (2001) afirma que sociedade líquida moderna, através dos seus membros, sofre mutações em um espaço de tempo muito curto, não consolidando assim, hábitos, rotinas e formas de agir. Sendo uma vida em incertezas constantes, caracterizando principalmente a modernidade líquida com os termos de fluidez, movimento e imprevisibilidade.

O termo modernidade líquido substitui o termo pós modernidade, compreendendo que as ideias e estruturas eram sólidas, quase não sofrendo alterações. Diferente da modernidade líquida onde tudo é incerto. Não há neste século relações, estruturas e ideias permanentes e sólidas. O próprio moderno se faz e desfaz como fragmentos inconsistentes. O mundo hoje é caracterizado por fluídos.

Fluídos se movem facilmente. Eles fluem, escorrem, esvaem-se, respingam, transbordam, vazam, inundam, borrifam, pingam, são filtrados, destilados, diferente dos sólidos, não são facilmente contidos – contornam certos obstáculos, dissolvem outros e invadem ou inundam seu caminho. Do encontro com o sólido, emergem intactos, enquanto os sólidos que encontraram, se permanecem sólidos, são alterados – ficam molhados e encharcados. (BAUMAN, 2001, p. 8).

Observa-se que para Martino (2015) as redes são estruturas abertas e em movimento, sua forma está sendo se alterando, as noções de movimento é fundamental para se entender esse fenômeno, as redes são estabelecidas por conexões entre os nós e os seus limites estão sempre transformando e ultrapassando por limites estabelecidos, caracteriza igualmente como Bauman (2001) descreve o mundo líquido.

Em geral são criadas por objetivos comuns, a reunião de nós sejam pessoas, grupos, corporações ou mesmo países não obedecem a nenhuma fronteira prévia. Em macro, por exemplo, as grandes corporações, por exemplo, ultrapassaram com facilidade as fronteiras nacionais na expansão de seus negócios; ao mesmo tempo, em escala micro, movimentos sociais ultrapassaram fronteiras políticas, bem como distâncias locais, conectando interessados em mudanças – em uma sociedade em rede, o poder é exercido a partir das redes. (MARTINO, 2015, p. 100-101).

Giardelli (2012) enfatiza que pessoas de todas as idades, empresas dos mais diversos tamanhos e instituições secundárias, sentem-se completamente perdidas em meio a uma nova ordem mundial. Mas do que nunca estamos imersos em um mar de dados e conhecimento. Novos aparelhos tecnológicos nunca tiveram tão disponíveis e em todo momento surgem tecnológicas revolucionárias.

A modernidade líquida com a mobilização virtual vem refletindo no mundo real, mudando as diversas maneiras de interação da sociedade de uma forma como nunca se imaginou antes, pela ausência de uma ferramenta aglutinadora, o que hoje é as redes online, que cada vez mais ganham espaços pela sua eficiência.

A sociedade em rede causou uma revolução no mundo de uma forma geral, através deste novo fenômeno houve uma expansão da comunicação que ultrapassou fronteiras e diferenças étnicas. As mídias digitais mudaram radicalmente a forma de comunicação entre as pessoas, a partir de então, as pessoas, mesmo dos os mais remotos lugares, podem se comunicar em tempo real e discutir com grupos distintos os mais diversos assuntos.

A contemporaneidade firmada na modernidade líquida também contribui para a minimização do uso dos meios de comunicação em massa, que se dava através dos meios tradicionais de comunicação. Através das redes sociais digitais houve um rompimento dessa cadeia, quebra deste formato de comunicação e conseqüentemente uma alteração na forma interação social. Nesse sentido:

De fato, essas redes horizontais possibilitaram o surgimento daquilo que chamo de autocomunicação de massa, que definitivamente amplia a autonomia dos sujeitos comunicantes em relação às corporações de comunicação, à medida que os usuários passam a ser tanto emissores como receptores de mensagens (CASTELLS, 1992, p. 22).

É possível através das mídias digitais como o *Facebook*, o questionamento, compartilhamento, comentário. Pessoas manifestarem seus pensamentos e emoções a cerca de um assunto ou de uma notícia ou uma decisão do governo sem ao menos sair de sua própria casa em tempo real. Já não é mais necessário ser jornalista ou publicitário para produzir conteúdo e comunicá-lo com o mundo. Qualquer cidadão em tempo real, de onde estiver, pode produzir e receber informação e compartilhá-la para quem quer que seja.

Martino (2015) diz que esta possibilidade, de compartilhar dados de dígitos combinados com a interação de processadores em rede de alta velocidade, se estabeleceu ao longo do século XX, dando origem ao que chamamos hoje de conexões descentralizadas que veio a se tornar a internet.

Bauman e Bordoni (2016) descrevem que lugares virtuais destituídos de territorialidade, impessoais e invisíveis, tornaram-se uma arma de poder supranacional.

A sociedade passou a organizar-se em torno das mídias digitais, nela as pessoas compartilham suas vidas, o que vestem o que consomem, acontecimentos importantes como conquistas pessoais, casamentos, aniversários, interagem com outras pessoas que conhecem na realidade como também amigos virtuais.

Os indivíduos através das mídias digitais podem reunir-se sem fronteiras geográficas para discutirem e assim compartilharem conteúdo dos mais variados temas, no diz respeito a sua própria vida ou a coletividade. Os sujeitos não são mais meros expectadores, agora se fazem presente, como participantes ativos na produção e propagação de informação.

Faz-se necessário apontar que as interações humanas sempre se deram por meio de redes sociais, que são entendidas conforme Martino (2015) como um meio de relação entre seres humanos caracterizadas pela flexibilidade de sua estrutura e pela dinâmica entre os seus atores. Sendo as redes sociais relativamente antiga nas ciências humanas, a ideia de rede ganhou mais força quando a tecnologia auxílio a construção de redes sociais conectadas pela internet, definidas pelas interações via mídias digitais.

Nas mídias digitais as interações sociais tendem a ser menos rígidas, sendo formadas a partir de interesses, temas, valores compartilhados, mas sem a força das instituições e uma dinâmica de interação específica. Nesse sentido:

Percebemos que as mídias estão no centro deste processo a que chamamos globalização. A intervenção midiática tornou-se condição para a conversão da modernidade tardia no espaço mundo, jogando no centro desta nova realidade o envolvimento de vários microcosmos num macrocosmo partilhado por todos, numa circularidade contínua. Por isso, as mídias se tornam tanto a expressão das tendências globalizadoras da modernidade, quanto instrumentos dessas mesmas tendências. Em síntese, os meios de comunicação “sustentam” e dão corpo à essa grande teia de relações mundiais (PICCININ, 2000, p.3).

As mídias digitais, sem dúvida são parte inerente do mundo líquido, em frações de segundos, é possível compartilhar, excluir, incluir, comentar e tantas outras interações eletrônicas, sendo em dado momento, constituinte desse fenômeno como também consequência dele. Não é possível a desassociação das mídias digitais, que são os novos canais de interação social, com o mundo líquido moderno.

De fato, os meios eletrônicos de comunicação facilitaram consideravelmente as interações humanas. Se tornaram como profetizou McLuhan (2007), extensão do próprio homem, dando possibilidades de potencialização da visão, audição, escrita, fala, escuta e grande parte dos sentidos humanos.

As mídias digitais são vistas como a expansão das possibilidades de conhecimento e interação com a realidade no mundo líquido. Podendo não haver mais uma separação entre o real e o virtual, ocorrendo uma única vida, a vida fluída.

3 REPRESENTAÇÕES DO VIRTUAL E REAL NO CIBERESPAÇO

A percepção acerca das expressivas transformações, segundo Levy (1999) no que se refere ao comportamento humano, interação social e novos padrões comunicacionais se apresentam de maneira latente na hodiernidade. Com a ingerência da era digital, as novas tecnologias trazem uma infinidade de possibilidades e formas de comunicação, na qual, os meios digitais apresentam uma tendência ao processo de virtualização, possibilitando uma conexão em tempo real e provocando mudanças nos hábitos cotidianos.

A noção de ciberespaço foi teorizada por Gibson (2008), trata de um real que é constituído por uma dimensão de tecnologias que atingem significadamente a sociedade, modificando estruturas e transformando o próprio indivíduo, que se torna objeto nesse ambiente. Essa terminologia tem sido compreendida como “o novo meio de comunicação que surge da interconexão mundial dos computadores” (LEVY, 1999, p.17). Sobre isso:

O ciberespaço, comumente chamado de rede, tem representado uma dimensão na quais múltiplas formas de socialização online se desenvolvem e se consolidam. Porém, essas novas formas de socialização não se restringem ao espaço em rede e, conseqüentemente, esse fenômeno acarreta uma nova modalidade de cultura, ampliando as possibilidades dos aspectos pessoais e sociais, através de instrumentos e recursos característicos das tecnologias atuais, compondo assim, uma cibercultura (GORZA, 2017, p.18).

Assim, essa forma de comunicação possibilita a ingerência de meios tecnológicos e digitais de comunicação que produzem transformações sob o aspecto sociocultural que não atingem tão somente o usuário, mas toda a comunidade, visto que afetam crenças e códigos mediante o relacionamento entre os indivíduos e a própria “realidade” (BACH,

2014). Nesse ambiente, a terminologia “virtual” é empregada em latência, fazendo com que surja a indagação das possíveis dissonâncias existentes no espaço virtual e real, o que será explorado aqui.

A significação de virtual é comumente compreendida em seu sentido cabal como a ausência de existência, equivocadamente sendo apresentada como opositora à realidade, justificada na ideia de que

o real traz consigo um aspecto material e tangível. Essa colocação de discordância conforme Levy (1996) é atribuída de forma fácil e enganosa.

“O real seria da ordem do “tenho”, enquanto o “virtual” da ordem do terás ou ilusão, o que permite o uso de uma ironia fácil para evocar as diversas formas de virtualização” (LEVY, 1996, p.15).

No pensamento de Levy (1996), para compreensão do virtual, é apresentado quatro conceitos, quais sejam, virtual, atual, real e possível. O real é compreendido como semelhante ao possível, diferenciando deste pela existência. Já o virtual não se opõe ao real, e sim ao atual, ele é analisado como um “complexo problemático que acompanha um processo de atualização, assim, é uma criação, da invenção de uma forma a partir de uma configuração dinâmica de forças e finalidades” (LEVY, 1996, p. 16).

Assim, o atual diferencia do virtual, na medida em que as forças virtuais continuam se exercendo sobre os movimentos atuais, ou seja, o virtual é a duração que se atualiza em algo novo, transformando o atual. Desta forma, Levy (1996) toma como exemplo a “virtualização” de uma empresa, ao qual a organização clássica reúne empregados no mesmo prédio em departamentos distintos.

Já em uma empresa virtual, o teletrabalho se apresenta como uma nova forma de organização que tende à ausência da presença física dos empregados no mesmo local, pela participação de uma rede eletrônica de comunicação, a atualização se apresenta como uma solução a um dado problema. Assim, “a virtualização se apresenta como um dos principais vetores da realidade” (LEVY, 1996, 17-18).

Desta forma, embora a noção de virtual seja compreendida equivocadamente como opositora à realidade, reduzida a uma noção de tecnologias e redes on-line, sua significação não é cabal a uma ambientação criada ilusoriamente, visto que a aproximação dos espaços tidos como “real” e “virtual” demonstram a atualização das formas de comportamento e interação social.

Por esse ângulo, Castells (1999) também compreende o equívoco entre a tratativa de real e virtual como concepções opositoras, para tanto, defende que não há distinção entre realidade¹ e representação simbólica. Isso porque a percepção do indivíduo sobre a realidade é mediada por intermédio de símbolos que em seus sentidos trazem consigo uma definição semântica, referenciado que a vivência de realidade carrega um teor virtual, como assevera:

Portanto, quando os críticos da mídia eletrônica argumentam que o novo ambiente simbólico não representa a “realidade”, eles implicitamente referem-se a uma absurda ideia primitiva de experiência real “não codificada” que nunca existiu. Todas as realidades são comunicadas por intermédios de símbolos. E na comunicação interativa humana, independentemente do meio, todos os símbolos são, de certa forma, deslocados em relação ao sentido semântico que lhes são atribuídos. De certo modo, toda realidade é percebida de maneira virtual. (CASTELLS, 1999, p. 459).

¹ O autor trabalha os conceitos de “real” e “realidade” como sinônimos.

Nesse sentido, conforme Castells (1999) as novas formas de comunicação têm gerado uma cultura de virtualidade real, na qual se caracteriza como um sistema em que a realidade é absorvida por um conjunto de códigos virtuais, na qual as aparências não apenas se encontram na tela comunicadora da experiência, mas se transformam na experiência” (CASTELLS, 1999, p.459).

As inquietações de Castells (1999) e Lévy (1996) trazem uma reflexão crítica acerca da noção do virtual e real, sobretudo, no que se refere a validação de que a virtualidade não produz efeitos tão somente para as configurações tecnológicas e inovadoras, mas mudanças sociais e culturais entre os indivíduos de vão do ciberespaço ao cotidiano.

À vista disso, os novos sistemas de comunicação, baseado em uma integração de redes múltiplas de meios de comunicação abarcam uma cultura de virtualidade real, realçando a importância de uma reflexão acerca do discurso de oposição entre a realidade e a virtualidade.

O estranhamento advindo das constantes transformações trazidas pelas inovações tecnológicas e transformando a forma como os indivíduos interagem em rede pode ser uma das variantes na dificuldade de percepção dos novos modos de relacionamentos estabelecidos socialmente.

Além disso, se por um lado observa-se que há algum tempo a utilização da internet era restrita ao ambiente residencial e possibilitava uma “diferenciação” entre o real e virtual, na qual os indivíduos poderiam se “desligar”, por outro, com a incidência dos dispositivos móveis como smartphones, essa aceção caiu em equivoco, visto que o uso da internet se faz presente em tempo real, não havendo uma diferença direta entre o real e virtual, visto que o que acontece no virtual acarreta consequência do dito real.

4 REFLEXÕES ACERCA DAS CONSTRUÇÕES DAS NOVAS INTERAÇÕES SOCIAIS DOS SUJEITOS LÍQUIDOS

A sociedade, desde a antiguidade busca diferentes formas de interação, compartilhando histórias, segredos, trocas de informações e conhecimento dentro do grupo social que pertencem, assim como propagam seus valores, ideias e crenças com diferentes comunidades. Os meios tecnológicos potencializaram a necessidade humana de interação e proporcionaram diversos canais para que esta interação ocorra com muito mais velocidade, simplicidade e profundidade.

Peregrina-se atualmente em uma época da sociedade de grandes transformações nas interações sociais elucidadas pelos meios tecnológicos de comunicação. Para compreender estes fenômenos, é preciso não só entender as mudanças da própria sociedade na modernidade líquida, sejam estas no seu modo de agir, pensar e se relacionar, mas também as evoluções dos meios de comunicação que propuseram e/ou constituem esse novo cenário de forma comumente, como se entende nos tópicos

anteriores. As mídias digitais contemplam precisamente as necessidades das relações do mundo líquido.

Conforme relata Martino (2015), o individualismo da atualidade, a velocidades das relações pessoais, a flexibilização dos vínculos, que outrora eram designados a durar para sempre, possui uma mídia capaz de atender e atender a todas essas demandas das relações modernas. A necessidade de substituição, exclusão e inclusão com grande agilidade são facilmente possíveis através de alguns *clicks* na ponta dos dedos no celular no *Facebook*.

Um dos maiores impactos causados pelas mídias digitais nas interações humanas é a não obrigatoriedade da presença física de outro para que a interação ocorra, para Martino (2015) a vida social online, ocorre, de forma paradoxal, quando uma pessoa está sozinha diante de uma tela. No mundo dito real, para que uma interação social ocorra é necessário a presença física de dois ou mais indivíduos frequentemente.

As mídias digitais trazem interações como o mundo líquido, fragmentadas, possibilitando a comunicação entre as pessoas em diferentes mídias, onde podem se conectar com um número infinito de pessoas ou restrito com interações mais íntimas ou interações superficiais, conectadas virtualmente e pessoalmente, e quase nunca pessoalmente e não virtualmente, considerando esses processos praticamente indistintos.

Nesse sentido, um dos pontos é a reorganização dos hábitos de socialização que as mídias proporcionam em particular a Internet, é a interação dos indivíduos com o ciberespaço, na qual demonstra a ruptura do paradigma acerca das concepções de comunicação tradicionais, visto que nesses espaços digitais não há aproximação geográfica, estando essas comunidades estruturadas através do interesse comum que criam relações sociais independente do fator físico, fortalecendo o laço comunicativo.

Através das mídias digitais, o ambiente de interação é alterado, se dando agora virtualmente, ocorrendo a mediação por aparelhos de comunicação tecnológicos e linguagem alterada. Sobre isso:

Com a difusão da internet, surgiu uma forma de comunicação interativa, caracterizada pela capacidade de enviar mensagem de muitos para muitos, em tempo real ou no tempo escolhido, e com a possibilidade de usar a comunicação entre dois pontos, em transmissões especializadas, narrowcasting ou em transmissões para muitos receptores (broadcasting), dependendo do objetivo e das características da prática de comunicação intencionada (CASTELLS, 2015, p. 101).

Além disso, as mídias digitais estão cada vez mais inseridas no cotidiano dos indivíduos, seja para fins pessoais ou profissionais, além de que a atividade relacionada com as comunicações foi uma das que mais se beneficiou com a implantação das novas tecnologias, diversas empresas de

comunicação e jornalismo já contam com um espaço importante na rede, contribuindo e cobrindo e as informações com rapidez e larga escala, se adaptando a essa nova realidade (KOHN; MORAES, 2007).

Há uma mudança considerável na forma de se fazer jornalismo, por exemplo, na internet. Com as plataformas multimídias que inclinam áudios, fotos, galerias, vídeos, textos e streaming, fazem versões online com acesso aberto (ou, às vezes, seletivo para assinantes), mas oferecendo os recursos de multimídia para convergir suas informações. As mídias tradicionais de massa, como Tv, rádio e jornais, estão visivelmente convergindo para a internet. A tecnologia e os meios de comunicação estão vivendo um diálogo intenso e fazendo refletir na facilidade de acesso a informação. Um Computador ligado à rede ou a um dispositivo móvel com acesso a redes sem fio são instrumentos fáceis de comunicação (BOSTELMAN, 2009, p.4).

Assim, capacidade dos indivíduos de dominarem ou se adaptarem a tecnologia ou se familiarizarem com as transformações sociais, fazendo uso e reconhecendo o potencial que os meios tecnológicos-digitais proporcionam novas formas de sociabilização e reconfiguram o destino das comunidades sociais e refletem o que diretamente nos efeitos que o ciberespaço tem nas novas interações sociais.

Outro aspecto a ser considerado no que se refere aos impactos relacionados a essa cultura digital é o que Castells (2009) denomina de auto comunicação de massas, pulverizada, principalmente, pela incidência dos meios digitais trazendo maior visibilidade e poder através dos meios de comunicação, influenciando as práticas sociais e o próprio cotidiano.

O termo se fundamenta na noção de uma nova forma de comunicação que atinge as massas, em razão da sua abrangência global e pelo gerenciamento realizado pelo próprio emissor, que possui autonomia sobre o que opinar, compartilha e informar, “incrementando a forma decisiva da autonomia dos sujeitos comunicantes a respeito das empresas de comunicação na medida em que os usuários se convertem em emissores e receptores de mensagens” (Castells, 2009, p. 25).

Por esse ângulo, esse fenômeno tem influenciado até mesmo os meios tradicionais de comunicação através da ingerência de indivíduos ligados a rede que se valem dessa ferramenta para assistir programas de entretenimento, responder mensagens instantâneas, interagir por meio de e-mails e redes sociais de maneira simultânea, o que eleva a capacidade de absorver as informações e impactando o próprio desenvolvimento de meios comunicativos em largueza.

Compreende-se que a modernidade líquida possui um aparato tecnológico, que são as mídias digitais como um dos seus principais mecanismos constituintes. Em dados momentos, as mídias digitais se apresentam como um forte ativo na construção do mundo líquido e em outros momentos, como produto oriundo deste mundo.

Modificaram-se as formas de relacionamento da sociedade, seja nas suas relações interpessoais, nas relações de trabalho, com a política e com as comunidades, construindo redes de relacionamentos

sem interferências de poderes supremos como o estado, sem interferências territoriais e com grande impacto que altera aquilo que se denomina campo real.

A sociedade líquida organizada em torno das mídias digitais opera com interações fluídas, descentralizadas, fragmentadas, como uma grande rede que se retroalimenta e modifica o mundo dito real, desde as suas formas de relacionamentos interpessoais como a sua relação com o mundo.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Pelo exposto, infere-se que as novas interações sociais foram significativamente influenciadas pelas mídias digitais de modo a refletir acerca da falsa impressão de oposição entre ambientes reais e virtuais, visto que as concepções se manifestam de maneiras complementares na medida em que as ações realizadas nos ambientes virtuais proporcionam efeitos no dito universo real.

Além disso, as contribuições de Bauman (2001) que fundamentaram a modernidade líquida caracterizada pelo desmoronamento de modelos tradicionais de comportamentos humanos provocam mudanças nas estruturas políticas, sociais, econômicas e relações interpessoais da sociedade, que são caracterizadas por um nível extremamente elevado de fluidez que derrota estruturas sólidas, exigindo alterações nas formas de interação da sociedade, buscando um modo de refazê-las de maneira diferente, ocasionando a ausência de barreiras territoriais e de velocidade como nunca antes houve na história da sociedade.

As mídias digitais concebem modificações no dito real e levam a uma reflexão crítica de que na modernidade líquida, o real e o virtual passam a não ser mais mundos distintos, mas que se integram de forma paradoxal, desintegrando estruturas, noções de territorialidade, poder e tempo.

As interações humanas na modernidade líquida são construídas a partir das necessidades que este novo mundo exige, com rápida aderência, fragmentação, reconstituição e modificação constante, como impactos no mundo real significativos, podendo se afirmar que as interações humanas não ocorrem mais no mundo real e no mundo virtual, mas no mundo líquido, que é composto de forma integrada com os ambientes reais e virtuais, não havendo separação entre ambos.

REFERÊNCIAS

- BAUMAN, Z. Modernidade líquida. Tradução Plínio Dentzien. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.
- _____. Tempos líquidos. Tradução de Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Zahar, 2007.
- BAUMAN, Zygmunt; BORDONI, Carlo. Estado de crise. Tradução de Renato Aguiar. Rio de Janeiro: Zahar, 2016.
- BOSTELMAM, A. C. A. Interação e a convergência dos meios de comunicação: exemplos de mensuração e vigilância de mercado. In: CONGRESSO DE COMUNICAÇÃO DA REGIÃO SUL, 10, 2009, Blumenau. Anais do X Congresso de Ciência da Comunicação na Região Sul. São Paulo: Intercom, 2009.
- CASTELLS, Manuel. A sociedade em rede. São Paulo: Paz e Terra, 1999. (A era da informação: economia, sociedade e cultura; v. 1).
- _____. Communication Power. New York: Oxford University Press. 2009.
- _____. O poder da comunicação. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2015.
- GIARDELLI, G. Você é o que você compartilha. São Paulo: Gente, 2012.
- GIBSON, William. Neuromancer. São Paulo: Aleph, 2008.
- GORZA, M. S., Entre o Real e o Virtual: representações sociais de Internet para sujeitos de duas gerações. 2017. 129 f. Dissertação (Dissertação em Psicologia) - Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 2017.
- KOHN, K; MORAES, C. H. de. O impacto das novas tecnologias na sociedade: conceitos e características da Sociedade da Informação e da Sociedade Digital. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 30, 2007, Santos. Anais do XXX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação. Santos: Intercom, 2007. p. 1-13.
- LÉVY, Pierre. Cibercultura. Trad. de Carlos Irineu da Costa. São Paulo: Ed. 34, 1999.
- LÉVY, Pierre. O que é o virtual? Trad. de Paulo Neves. São Paulo: Ed. 34, 1996.
- MARTINO, Luis Mauro Sá. Teorias das mídias Digitais. Linguagens, ambientes e redes. Petrópolis, Vozes: 2014.
- MUSSE, Cristina Ferraz; VARGAS, Herom; NICOLAU; Marcos. (Org.). Comunicação, mídias e temporalidades. Salvador: EDUFBA, 2017.
- MCLUHAN, Marshall. Os meios de comunicação como extensões do homem. São Paulo: Cultrix, 2007.
- PICCININ, Fabiana. Mídias e pós modernidade: reorganizando as interações sociais tradicionais. Banco de papers do Intercon, Manaus – AM, 2000, p. 1-10.